

ECONOMIA

Otimista, indústria quer contratar

FGV revela que 25% das maiores empresas pretendem aumentar quadro de pessoal

Editoria de Arte

Flávia Barbosa

O otimismo em relação à economia brasileira e ao crescimento das vendas no segundo semestre provocou uma expectativa que há muito não se via entre os empresários do país. Sondagem da Fundação Getúlio Vargas (FGV) feita com 1.263 indústrias, divulgada ontem, mostra que 25% pretendem ampliar o quadro de pessoal entre este mês e setembro. O indicador está cinco pontos acima do de abril e é a melhor perspectiva de contratações da indústria desde julho de 1991.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) também divulgou dados semelhantes: 20,9% das grandes empresas esperam contratar neste trimestre. O movimento é mais forte nos setores de vestuário, calçados, mecânico, material elétrico e bebidas.

— É o resultado mais surpreendente da pesquisa. O ano 2000 está sendo marcado pela ampliação do nível de emprego, depois de duas décadas em que o máximo que houve foram picos de contratação na indústria. E as chances de se concretizarem estas expectativas são muito grandes, pois desde novembro as previsões dos empresários vêm sendo superadas positivamente nesta área — avalia o economista Salomão Quadros, chefe do Centro de Pesquisas Industriais da FGV.

Índice de confiança já é o maior do Real

• Se antes faltava aos industriais confiança de que a recuperação da economia brasileira seria duradoura, agora o nível de confiança das empresas pesquisadas — cujas vendas representam cerca de 20% do PIB nacional — chegou a 63,4%, o maior desde julho de 91 (66,6%). O índice atual está num patamar superior ao de julho de 1994, época da entrada em vigor do Plano Real (63,2%).

No segundo trimestre, 20% das indústrias pretendiam contratar trabalhadores: praticamente todas o fizeram.

— No quadro geral há otimismo crescente, porque há boas perspectivas. O volume de produção das indústrias vem crescendo mês a mês — confirma Sílvio Sales, chefe do Departamento de Indústria do IBGE, órgão que, a exemplo do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas e da CNI, estima que o setor crescerá mais de 5% este ano.

No centro das melhores perspectivas de emprego está o aumento das vendas. Para 52% das empresas, o terceiro trimestre será marcado por um mercado muito mais comprador, tanto o interno quanto o externo, o que fará com que 51% das indústrias aumentem sua produção. O percentual só não é maior porque houve ligeiro aumento dos estoques — o que também sinaliza espera de novas encomendas. Desde a crise russa o empresariado não tinha tantas esperanças quanto ao incremento do faturamento.

Se o trabalhador pode beneficiar-se de um lado, o bolso pode sentir do outro. Ao pintar um cenário melhor, empresários sinalizam também



que é hora de promover reajustes de preços, travados desde a restrição de renda ocorrida após a desvalorização cambial. Para 30% dos consultados pela FGV, até setembro as tabelas serão reajustadas. Dentre estes, 41% sinalizam aumentos superiores ao último praticado.

— Mas nem todos os setores vão conseguir, na verdade este é um movimento natural quando melhoraram as expectativas. Não vemos riscos de pressão inflacionária — explica Salomão Quadros.

De acordo com a sondagem, a intenção de reajuste, embora espalhada, é maior entre os produtores de bens de consumo (como eletrodomésticos e carros) e de bens de capital (máquinas e equipamentos). Para Luciana Sá, chefe da Assessoria de Pesquisas Econômicas da Firjan, isto se deve ao fato de estes setores estarem agora recuperando mais fortemente o ritmo de vendas e aumentando a utilização da capacidade instalada.

Perguntados se o otimismo da indústria é exagerado, os especialistas acreditam que não. Por trás do índice de 63% de empresas que vislumbram um segundo semestre de excelentes oportunidades de negócios, eles enxergam melhores dados macroeconômicos e

uma rota de crescimento de longo prazo.

São citados como "um quadro bem melhor" o rigor em relação ao controle do déficit fiscal, a queda dos juros — de 18,5% para 16,5% em um mês, reduzindo o custo financeiro das empresas — e a própria recuperação do nível de emprego. De acordo com o IBGE, havia 650 mil pessoas a mais trabalhando em junho deste ano do que em junho de 1999. Quanto mais as pessoas esperam permanecer num emprego ou arrumar uma vaga mais rapidamente, aumenta a disposição de comprar.

Mais investimentos na ampliação da produção

• O tipo de investimento previsto pelos empresários também é outro.

— O perfil dos investimentos mudou. Em vez de dinheiro aplicado em técnicas de ganho de produtividade, o investimento está mais voltado à ampliação de unidades e construção de novas fábricas. Daí termos mais empregos. Há confiança de que a recuperação veio para ficar — diz Quadros.

O economista Flávio Castello Branco, chefe do departamento econômico da CNI, diz ainda que a inflação baixa no primeiro semestre deste ano tende a promover um aumento da renda da população, embora os ganhos reais ainda sejam pequenos. A queda do desemprego e a recuperação do crédito são vistos pela economista Luciana Sá como fatores adicionais de crescimento. E o crescimento de 22% nas exportações de manufaturados mantém a perspectiva de vendas externas em alta.

Poucos são os sinais de que a indústria não poderá ver como realidade suas expectativas. Os analistas acham pouco provável que a economia americana mude a tendência de pouso suave, o que afasta uma nova alta das taxas de juros dos EUA. O risco, salienta Luciana Sá, da Firjan, pode vir do viés político, com a complicação do caso Eduardo Jorge, e da insistência dos bancos de não repassarem integralmente o efeito da redução da taxa Selic aos juros cobrados da população na hora de pagar crediários, tomar empréstimos ou usar o cheque especial.

— Mas, até agora, a política não contamina nenhum indicador financeiro ou de credibilidade — salienta Flávio, da CNI. ■